Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

# OS IMIGRANTES EM *THE JUNGLE*
Um Documento da Barbárie

# IMMIGRANTS IN *THE JUNGLE*
A Document of Barbarism

*ANTONIO DE PÁDUA BOSI*[1]

## RESUMO

*The Jungle*, de Upton Sinclair, permanece um marco literário desde o impacto político que consagrou a sua recepção em 1906. Este artigo discute as experiências de imigrantes com o trabalho nos frigoríficos de Chicago retratadas nesse romance, interpretando *The Jungle* como um documento da barbárie capitalista, no sentido empregado por Walter Benjamin. Abordo o surgimento dos grandes matadouros no contexto do capitalismo monopolista, na virada do século XIX, e a sua relação com a degradação dos trabalhadores imigrantes a partir das trajetórias de dois personagens: Jurgis e Ona. Em seguida, exploro pontualmente a verossimilhança dos episódios criados pelo autor e protagonizados pelos personagens. Por fim, ao longo do artigo, tento demonstrar que a estetização do real feita por Sinclair não distorceu as características do capitalismo americano, do trabalho nos frigoríficos de Chicago nem as condições de vida de imigrantes ambientadas no início do século XX.

**Palavras-chave**: The Jungle; Upton Sinclair; Imigrantes.

## ABSTRACT

Upton Sinclair's The Jungle remains a literary landmark since its 1906 publication renowned for the political impact that defined its reception. This article examines immigrant labor experiences in Chicago's stockyards as portrayed in the novel, interpreting it as a document of capitalist barbarism in Walter Benjamin's theoretical framework. So, I analyze the emergence of industrial slaughterhouses within monopolistic capitalism at the turn of the 20th century, and their relationship to immigrant labor degradation through the trajectories of characters Jurgis and Ona. Subsequently, I assess the verisimilitude of character-driven episodes. Ultimately, I argue that Sinclair's artistic treatment of reality did not distort the core features of American capitalism, Chicago's meatpacking labor conditions, or early-20th-century immigrant life.

**Keywords**: The Jungle; Upton Sinclair; Immigrants.

[1] Professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do CNPq Nível - C. e-mail do autor: antonio.bosi@unioeste.br .

## INTRODUÇÃO

Desde a sua primeira publicação, em 1906, *The Jungle* tornou-se e permaneceu um clássico americano traduzido para dezenas de idiomas. Na língua inglesa, esse romance ultrapassou milhares de edições e reimpressões. Sinclair recebeu US$ 500,00 como adiantamento da editora Doubleday, Page & Co., algo equivalente a US$ 15.000,00 corrigidos para valores atuais. O êxito do livro foi imediato, um *best-seller* instantâneo que rendeu a Sinclair centenas de convites para palestras em todo o país. (Mookerjee, 1988)

Apesar disso e de ser um dos romancistas estadunidenses mais lidos no exterior, com aproximadamente 100 livros publicados, o escritor indiano Balarama Gupta observou que Sinclair foi negligenciado pela crítica literária. Por outro lado, Harold Bloom avaliou que, enquanto a maioria desses críticos admira a sua vitalidade infatigável e a sua produtividade colossal, eles tendem a descartá-lo, caracterizando-o como socialista e um jornalista talentoso que produziu obras políticas didáticas que não passam de panfletos com revestimento de ficção. (Bloom, 2010, p. 3)

De fato, o impacto de *The Jungle* sobre os leitores assegurou um lugar de destaque na história e n literatura americanas e, ao mesmo tempo, tem sido cobrado pela imprecisão histórica. Quando foi publicado, chamou a atenção do governo de Theodore Roosevelt e contribuiu para estabelecer uma comissão federal encarregada de investigar a situação dos trabalhadores em frigoríficos e os padrões de higiene que horrorizaram os leitores. Em 1906, antes de terminar a leitura do livro, Roosevelt enviou duas cartas a Sinclair elogiando e tratando *The Jungle* como uma denúncia contra as péssimas condições de higiene nos frigoríficos de Chicago. Ele foi pouco sutil em desabonar a literatura vinculada a valores socialistas, todavia, não mencionou diretamente os escritos de Sinclair. Em seguida, ele afirmou que “atacaria” *The Jungle* no seu próximo discurso como forma de atingir “os frigoríficos com o conteúdo do livro”, embora não tomasse qualquer medida antes de ter dados nos quais pudesse basear a sua ação. (Roosevelt, 1906, p. 15)

Muitas tentativas de desacreditar o livro apontavam, em tom de denúncia, a sua natureza socialista, o viés político que explicitava a exploração dos trabalhadores imigrantes e a exposição sensacionalista das repugnantes

condições sanitárias dos frigoríficos. *The Jungle* também recebeu críticas porque era utilizado nas escolas e em estudos acadêmicos “como fonte razoavelmente confiável de informações sobre a vida industrial dos imigrantes urbanos na virada do século XIX.” (Wade, 1991, p. 79) Se, por um lado, Sinclair conseguiu que seu livro pressionasse a criação de leis reguladoras da higiene na produção de carne, fato reforçado pela criação da *Food and Drug Administration* (FDA), em 1906, por outro lado, a descrição dos frigoríficos e do trabalho executado por imigrantes foi considerada exagerada e, em uma vertente mais cortante, inverossímil. Mesmo as tendências mais suaves dessa perspectiva sugeriam perguntar: *The Jungle* teria valor como romance histórico?

A crítica negativa mais robusta e elegante feita a Sinclair partiu do historiador James Barrett e alicerçou-se em vigorosa pesquisa empírica sobre os trabalhadores e o trabalho nos frigoríficos de Chicago, no período de 1894 a 1922. Em suas palavras, “The Jungle não seria um retrato totalmente preciso da vida da classe trabalhadora nos Estados Unidos do início do século XX”, principalmente porque “os trabalhadores dos frigoríficos de Chicago não eram as criaturas desesperadas e animalescas descritas no romance de Sinclair, mas sim agentes ativos na transformação que varreu a América urbana e industrial, no início deste século.” (Barrett, 1990, p. 9) Barrett apoiou-se em E. P. Thompson para reclamar a agência dos imigrantes empregados nos frigoríficos, mas não questionou a verossimilhança do enredo de *The Jungle* nem as dramáticas condições de trabalho encarnadas pelos personagens. Na verdade, a sua crítica alçou Sinclair a um interlocutor privilegiado. Na obra *Work and Community in The Jungle* (1990), James Barrett tomou o romance de Sinclair como objeto de pesquisa, o que de fato ele é, e encarou a sua narrativa como uma produção historiográfica. Contudo, Sinclair pretendeu escrever um romance, uma ficção. Foram os críticos que o trataram como um livro de história.

Cento e vinte anos nos separam da primeira publicação de *The Jungle*. É motivo suficiente para recordar a sua repercussão, a qual a crítica insiste ter sido mais ideológica do que literária. De fato, o seu valor estético decorre de hipóteses construídas e testadas por Sinclair. Ele queria retratar a miséria e a desesperança dos trabalhadores nos frigoríficos de Chicago, contrastando tal realidade à natureza desumana do capitalismo. Galhofeiro, ele disse que

escreveu *The Jungle* “mirando no coração do público e, sem querer, acertou-o no estômago. Ajudei a limpar os quintais e a melhorar o abastecimento de carne no país.” (Sinclair, 1962, p. 126) A sua linguagem não é sutil nem metafórica. Ele tentou fazê-la mais próxima possível da realidade, contrapondo-se ao estilo refinado do romantismo. Por esse motivo, os seus personagens foram estruturados psicologicamente a partir de conflitos internos, esperanças, frustrações, melancolia, luto e solidão. É difícil encontrar um turbilhão de emoções igual a esse em personagens que imitam a realidade.

Gostaria de discutir dois pontos em *The Jungle*, caracterizando-o como um documento da barbárie, no sentido proposto por Walter Benjamin, (Benjamin, 2011, p. 225) porque penso que é assim que Sinclair retratou o capitalismo e os frigoríficos de Chicago. O primeiro diz respeito aos aspectos históricos da obra, especialmente a constituição monopólica dos frigoríficos de Chicago, a presença dos imigrantes e o trabalho degradado nas plantas produtivas. Metodologicamente, examino esses fatores relativamente à sua respectiva época, considerando a premissa teórica de que o romance histórico, a exemplo de *The Jungle*, pode ser tomado tanto como documento de seu tempo quanto como uma forma de interpretar, de explicar e de intervir no mundo. A esse respeito, Georg Lukács oferece importante chave analítica, afirmando que o romance histórico nasce da experiência social à medida que os personagens, seus dramas e destinos são moldados à luz das condições reais de existência (Lukács, 2011).

O segundo tem a ver com o protagonista do livro, Jurgis, um lituano recém-chegado a Chicago e que atravessa o submundo do sonho americano. Ele é um tipo ideal criado e pretendido por Sinclair, um ser titânico que percorre um trajeto de sofrimentos causados pelo capitalismo e, no fim, se prepara para vingar os seus tormentos empunhando uma consciência socialista.

Para isso, estruturei este artigo em três seções. Na primeira, discuto o surgimento dos frigoríficos nos Estados Unidos no período de 1850 a 1920, salientando o contexto de monopolização do capital e as condições de trabalho retratadas por Sinclair. Em seguida, abordo a presença de imigrantes em Chicago na virada do século XIX e busco mostrar como foram interpretados em *The Jungle* e por estudos acadêmicos produzidos na mesma época. Por último,

exploro a trajetória de Jurgis, protagonista do livro, e examino a sua capacidade de lidar com as adversidades à medida que Sinclair o torna capaz de analisar os próprios pensamentos e seu lugar no mundo.

## 1. INDUSTRIALIZAÇÃO DA CARNE E CAPITALISMO MONOPOLISTA

"Ao primeiro grito do animal seguia outro, ainda mais angustiante, mais forte e mais contínuo porque, uma vez naquele caminho, o porco não parava até sua morte." (Sinclair, 2001, p. 39) É assim que Jurgis percebe a linha de produção que desmonta animais no seu contato inicial com o trabalho no frigorífico. As cinco maiores plantas industriais de Chicago e dos Estados Unidos empregavam o mesmo método de produção, estratificado em tarefas realizadas em ritmo constante. À época, Swift, Armour, Morris, Cudahy e Wilson (Schwarzschild e Sulzberger) formaram o maior oligopólio de carne do mundo, antecedendo em meio século o famoso acordo feito pelas petrolíferas americanas. Esses cinco matadouros dominavam os mercados nacionais e os internacionais emergentes.

Antes disso, três fatores contribuíram para o surgimento dos frigoríficos e para a comercialização de grandes quantidades de carne *in natura*: o aumento do rebanho, a criação de estradas e linhas ferroviárias e a invenção de tecnologias para refrigerar carne. Os rebanhos de porcos, por exemplo, estavam concentrados no Centro-Oeste americano. Havia pequenos matadouros que produziam artesanalmente banha, bacon e alguns tipos de embutidos, produtos que podiam ser transportados para mercados relativamente distantes. Exceto esses produtos, todo o resto precisava ser consumido rapidamente. Até aproximadamente a década de 1870, o deslocamento da carne era feito em barcos por meio da rede fluvial do país. Estima-se que no meio Oeste foram abatidos 1,7 milhão de porcos em 1848. Trinta anos depois, no contexto dos grandes frigoríficos, esse número saltou para nove milhões de porcos. (Walsh, 1982, p. 10)

A carne suína era a mais consumida nos Estados Unidos, pelo menos até o início do século XX. Porcos eram fáceis de criar nas pequenas propriedades rurais. Eles engordavam facilmente com as sobras do consumo humano, o seu peso e tamanho favoreciam o abate e o processamento, e o seu manejo era mais

simples do que os rebanhos de gado. Eles eram liquidados sazonalmente, seguindo a colheita das plantações, geralmente quando o clima esfriava, o que auxiliava a conservação da carne. O preparo da carne baseava-se em sal, açúcar e fumaça (caso fosse defumada) e o armazenamento para consumo futuro fazia parte das tarefas domésticas. Em 1880, quase 50% de toda a carne suína do país era consumida na forma de presunto e bacon, quantidade superior à carne bovina fresca e processada, ingerida nacionalmente. (Horowitz, 2006, p. 44-45)

Nesse mesmo período, a nascente indústria da carne beneficiou-se da rede de transporte organizada no país. As ferrovias funcionavam de maneira acessória para os portos fluviais como uma engrenagem secundária da logística existente. A partir da década de 1850, as ferrovias impuseram-se em termos de velocidade, confiabilidade e flexibilidade de rotas. Fizesse neve, chuva ou calor, as locomotivas não paravam, diferentemente das embarcações, dependentes do clima e do humor dos rios. Em 1870, o domínio da rede ferroviária estava visivelmente estabelecido no país, o que permitiu um processo de concentração e proximidade entre frigoríficos e gigantescos currais.

Os primeiros experimentos com congelamento e resfriamento da carne datam da década de 1860. Contudo, somente na década de 1870 conseguiu-se sucesso com essa tecnologia. Esse novo sistema possibilitava que a carne circulasse em longas distâncias, inclusive para exportação. Dos Estados Unidos, havia remessa de carne para países da Europa e da América do Sul. O comércio cresceu rapidamente devido à refrigeração. Uma média anual de 326 toneladas de carne bovina resfriada viajou dos Estados Unidos para o Reino Unido entre 1875 e 1879. De 1900 a 1904, dois anos antes da publicação de *The Jungle*, esse número havia aumentado para 2,6 mil toneladas. (Perren, 2006, p. 46)

O resfriamento da carne e seu transporte corresponderam a um avanço tecnológico ímpar que mudou as dimensões da sua produção e comércio. Produzida em toneladas, ela era empacotada, resfriada e transportada para varejo em diferentes regiões do país. Os vagões ferroviários refrigerados que carregavam carne foram desenvolvidos pelos matadouros de Chicago, especialmente pelas empresas Swift e Armour. Essa inovação tecnológica viabilizou a formação de um mercado nacional para a carne e derivados cujo

impacto eliminou muitos abatedouros pequenos espalhados pelo interior do país. Chicago, Cincinnati, St. Louis e Kansas City constituíram um cinturão de frigoríficos no final do século XIX.

O primeiro vagão frigorífico a transportar carne nos Estados Unidos foi criado por George Henry Hammond, dono do Frigorífico Hammond, em Chicago. Esses vagões ferroviários eram rudimentares, equipados com compartimentos de gelo nas laterais e no piso. Swift foi o primeiro frigorífico a usar vagões frigoríficos em larga escala. Ele priorizou uma distribuição eficiente do produto considerando a sua natureza perecível e o abastecimento aos açougueiros atacadistas do Leste. Quando essa estratégia não funcionava, Swift fundava as suas próprias filiais e praticava preços mais baixos até expulsar os concorrentes do mercado. Os outros frigoríficos adotaram o mesmo sistema, verticalizando a produção e a comercialização da carne. (Kujovich, 1970, p. 470)

A centralização dos frigoríficos em Chicago e o impacto positivo do transporte refrigerado facilitaram a expansão dos negócios. Em 1900, os frigoríficos instalados em Chicago empregavam 25 mil trabalhadores dos 68 mil ocupados em frigoríficos existentes no país. Dois terços do faturamento total dos frigoríficos proviam das plantas industriais lá sediadas. Em 1906, ano da publicação de *The Jungle*, os frigoríficos de Chicago empregavam 30 mil homens e abatiam 10 mil animais por dia para atender a uma demanda aproximada de 40 milhões de consumidores no país e no exterior. (Smith, 2019, p. 105) De fato, Chicago foi o palco das inovações tecnológicas que superaram os antigos padrões de distribuição. Ao mesmo tempo, esse processo criou condições para reunir geograficamente milhares de trabalhadores.

A rede ferroviária também serviu para deslocar animais das fazendas onde eram criados para os currais próximos aos frigoríficos. Havia uma série de agentes envolvidos nessa cadeia produtiva, que também começaram a pressionar por melhores condições de trânsito e instalações que evitassem ou diminuíssem danos aos rebanhos. Os “stockyards” eram gigantescos currais construídos para acomodar os rebanhos antes de serem negociados ou abatidos nos frigoríficos. No final da década de 1860, Chicago contava com instalações para descarregar, alojar, dar água e alimentar mais de 100 mil cabeças de gado por ano. Em 1866, o primeiro ano de funcionamento dos “stockyards”, foram

acomodados aproximadamente 1,3 milhão de suínos e 380 mil cabeças de gado. Mais da metade desses rebanhos chegou por via ferroviária. A tendência foi de crescimento do número e tamanho desses currais. Nenhum país se igualou à cadeia produtiva montada pelos frigoríficos de Chicago. (Walsh, 1982, p. 74)

Quando Sinclair escreveu *The Jungle*, essa era a paisagem para a qual ele olhava. A ferrovia, os vagões e carros refrigerados, os grandes currais e, claro, os trabalhadores. Além desses fatores, as origens do frigorífico moderno residiram também na criação e na expansão de mercados consumidores. O vagão frigorífico foi a senha que abriu o mercado nacional de carnes e fez de Chicago a sua capital. Esse processo pressionou varejistas e açougueiros cuja presença encolheu no mercado. Açougueiros como Shallow, personagem de *Judas, o Obscuro*, de Thomas Hardy, contratado para abater e esquartejar um porco segundo o costume, tornaram-se cada vez menos frequentes.

**Tabela 1** – Consumo *per capita* anual de carne nos EUA (1890-1957), em quilos*

| ANO | Gado | Porco** | Carneiro | Frango/Peru | Total |
|---|---|---|---|---|---|
| 1899 | 32.91 | 32.68 | 2.95 | - | 68.54 |
| 1910 | 35.27 | 28.55 | 2.95 | 6.68 | 70.45 |
| 1920 | 30.5 | 31.14 | 2.5 | 6.23 | 70.68 |
| 1930 | 25.36 | 30.45 | 3.05 | 7.82 | 66.68 |

**Fonte**: Census USA. (1957) Organização do autor.
Disponível em: https://www.census.gov/population/censusdata/urpop0090.txt
* O peso, originalmente descrito em libra, foi convertido para quilograma.
** Carne do porco sem a banha.

O mercado de consumo de carne processada e congelada também foi criado, demográfica e culturalmente. Entre 1880 e 1900, a população nos Estados Unidos passou de 50,2 milhões para 76,2 milhões, e a população urbana escalou de 28% para 40% do total de habitantes. Em 1920, o número de moradores nas cidades ultrapassou os residentes nas áreas rurais. Essa população constituiu um vigoroso mercado de consumo. Culturalmente, os costumes e hábitos alimentares também mudaram à medida que as famílias não criavam nem abatiam a sua própria comida. O modo com que se adquiria e preparava a carne mudou. O abate em escala familiar perdeu espaço para o consumo de carne processada. A Tabela 1 mostra o aumento do consumo *per capita* de carne nos Estados Unidos entre 1899 e 1930.

Em síntese, pode-se dizer que os “meios de produção” relacionados aos frigoríficos foram “revolucionados” para acelerar e aumentar a produção dessa mercadoria. Baran e Sweezy definiram o surgimento do capitalismo monopolista nos Estados Unidos, na virada do século XIX, destacando a sua principal característica: ele “é um sistema constituído de empresas gigantes.” (BARAN & SWEEZY, 1978, p. 60) No caso dos frigoríficos, o elemento crucial para fazer esse sistema funcionar foi uma força de trabalho concentrada em Chicago, uma população de trabalhadores expropriados e excedentes em relação aos empregos disponíveis.

## 2. OS IMIGRANTES NOS FRIGORÍFICOS EM CHICAGO

Quem eram os imigrantes ocupados nos frigoríficos de Chicago? Trabalhadores pobres da Europa atravessaram o Atlântico em grande número para os Estados Unidos desde 1850. No final do século XIX, essa travessia se intensificou devido ao colapso econômico no velho continente, à concentração fundiária ocorrida em muitos países e à desapropriação de famílias camponesas forçada pela radicalização do capitalismo no campo. A expansão mundial da produção capitalista ampliou enormemente as crises de natureza comercial e financeira, particularmente na Europa. Uma superprodução de mercadorias levou à crise financeira de 1873, iniciada pela quebra da Bolsa de Viena e, em seguida, pela bancarrota de diversos bancos europeus. Isso impactou a produção industrial e agrícola, gerou desemprego e atingiu, principalmente, as populações mais pobres. A maioria dos italianos, por exemplo, que rumaram para os Estados Unidos nesse período, não teve alternativas. Eram de origem camponesa e haviam perdido seus minifúndios, ou então foram desalojados das terras de aristocratas, que buscavam se safar da falência implantando relações de trabalho e de produção mais rentáveis. (Trento, 2022)

A experiência da migração italiana representou o que acontecia na Europa no final do século XIX. A mudança de marcha da economia capitalista repercutia fortemente sobre os camponeses. Eles buscavam empregos nas cidades ou emigravam. Ficar no campo não era uma opção para todos. Jurgis, o protagonista de *The Jungle*, era lituano. No contexto de sua saída para os Estados Unidos, a Lituânia pertencia ao Império Czarista, e centenas de milhares

de camponeses viviam os reflexos negativos da Reforma de 1861 que, aparentemente, havia emancipado 23 milhões de trabalhadores da servidão, mas os deixou sem direitos à terra. Para trabalhar, eles precisavam arrendar lotes ou comprá-los a preços inflacionados, o que tornava os camponeses devedores funcionais para seus credores, seus antigos senhores. O capitalismo russo também estava trocando a marcha.

Países que se mantiveram praticamente inalterados pela industrialização sofreram antes e depois da Depressão de 1873. Para Rogers Daniels, os irlandeses, esmagados pelo desemprego e pela fome, emigraram sistematicamente no século XIX, e um dos destinos era os Estados Unidos. Entre 1841 e 1851, a Irlanda perdeu 1,6 milhão de pessoas, cerca de 17% de sua população. Em 1891, o censo apurou a existência de 4,7 milhões de habitantes, 57% da população existente meio século antes. (Daniels, 2002, p. 126-127) É um dos quadros mais dramáticos da migração europeia.

Mesmo durante a Guerra de Secessão, a entrada de imigrantes nos Estados Unidos foi volumosa. Entre 1851 e 1860, cerca de 2,6 milhões de estrangeiros ingressaram na América. Esse número manteve-se nas décadas seguintes até o intervalo de 1881 a 1890, quando dobrou para 5,2 milhões de imigrantes. Na primeira década do século XX, 8,8 milhões de estrangeiros, a maioria de origem europeia, emigraram para a América. Jurgis é uma representação ficcional dessa diáspora. (Daniels, 2002, p. 127)

Em 1885, o geógrafo Ernest Ravenstein publicou um dos primeiros estudos sobre migração, intitulado *Leis da Migração*. (Ravenstein, 1885) Ele baseou-se em informações do censo britânico e investigou a migração interna. Os seus achados foram relevantes e orientaram estudos posteriores. Entre os principais pontos, o autor destacou que moradores de áreas rurais migravam mais do que os de áreas urbanas, que todo fluxo migratório gera um retorno, que o aumento e modernização dos meios de transporte facilitavam a migração, que o principal motivo para migrar seria econômico e que a maioria dos migrantes se deslocava por curtas distâncias. Essa foi a ideia hegemônica na época, porém, Ravenstein não considerou fatores culturais, tais como as diferenças entre modos de viver e de trabalhar, no campo e na cidade, que já estavam na pauta de escritores como Honoré de Balzac (*Os Camponeses*, de 1844), Charles

Dickens (*Dombey and Son*, de 1848), Thomas Hardy (*O retorno do nativo*, de 1878) e Stanislaw Reymont (*Los Campesinos*, 1909). O estranhamento vivido pelo imigrante quase sempre reforçava as suas iniciativas de tentar recriar a terra natal em outro país, mas isso mostrou ser um processo conflituoso que geralmente opunha a nova sociabilidade à nostalgia do modo de vida e de trabalho deixado para trás.

Mariane Weber, esposa de Max Weber, deixou um precioso relato da viagem para os Estados Unidos em 1904. Ela testemunhou a pluralidade étnica presente no navio onde estavam. Ao longo da travessia do Atlântico, seu marido julgou incomum a presença de tantos imigrantes. Havia italianos, boêmios, irlandeses e lituanos em busca de trabalho na América. O navio transportou 1.679 passageiros, dos quais aproximadamente 60% eram imigrantes. Grande parte deles desembarcou no porto de Ellis Island, entre New Jersey e New York, e rumou para Chicago, a maior empregadora à época junto com New York. (Hoerder, 1985) De fato, nos frigoríficos de Chicago, na virada do século XIX para o século XX, os trabalhadores com maior presença depois dos nativos eram poloneses, seguidos por alemães, irlandeses e italianos.

Na Tabela 2, é possível verificar o ingresso de imigrantes em Chicago relativamente à população total.

**Tabela 2** – Chegada de Imigrantes em Chicago (milhares)

| Período | População Total | Imigrantes |
|---|---|---|
| 1860-70 | 108,7 | 90,1 |
| 1870-80 | 250,1 | 60,3 |
| 1880-90 | 496,6 | 244,7 |
| 1890-1900 | 588,7 | 137,5 |
| 1900-1910 | 468,7 | 194,1 |
| 1910-20 | 525,4 | 24,1 |
| 1920-30 | 674,7 | 36,5 |

**Fonte**: Organização do autor. (Nelli, 1979, p. 8)

Os imigrantes recém-chegados em Chicago costumeiramente alugavam casas nos bairros que cercavam os currais e os frigoríficos. O “plano diretor” da cidade havia preparado aquela área para acomodar os trabalhadores imigrantes

que se ocupariam do abate de animais. O historiador Dominic Pacyga vê alguma assertividade nesse processo, argumentando que eles “tomaram o que lhes pareceram decisões acertadas para se aprimorarem dentro das oportunidades econômicas disponíveis.” (Pacyga, 2003, p. 44) Trata-se de uma posição limítrofe entre a passividade dos imigrantes e a sua livre iniciativa. Pensá-los na chave da passividade implica vê-los como reativos a fatores externos, principalmente os econômicos. Por outro lado, considerá-los como atores individuais, conforme a Teoria Neoclássica, significa enxergá-los à procura de vantagens no mercado, dominando informações necessárias para avaliar e fazer escolhas racionais, o que não correspondia à vida real (Castles et al., 2003). Na maioria das vezes, esses trabalhadores conduziam-se pelas pressões vividas no trabalho, em experiências que tendiam a despertar a humilhação e o rebaixamento da autoestima, tais como o aluguel vencido, a mudança para um “slum”, a negligência com a saúde, a prostituição, o alcoolismo e o relaxamento dos padrões morais. Sinclair levou isso em conta.

Havia muitas maneiras de conseguir emprego nos currais e frigoríficos. Os trabalhadores, incluindo imigrantes, apresentavam-se pela manhã, por volta das seis horas. Um funcionário selecionava aqueles que pareciam mais fortes e mais capazes de realizar o trabalho. A negociação de salário não era permitida. Limitados pela formidável barreira linguística, esses grupos étnicos ocupavam o lugar mais baixo na escala social. O mesmo funcionário batia nas costas daqueles que ele escolhera e dizia: “Venham!”. (Pacyga, 2003, p. 44) Como o excedente de trabalhadores era grande, os frigoríficos conseguiam manter a remuneração baixa e dificultar a sindicalização. Em 1904, a produtividade aumentou muito em relação à década de 1880. Eram necessários 230 trabalhadores para abater e processar 105 bois por hora. Com tanta gente aguardando trabalho nos frigoríficos, a produção *per capita* e o pagamento podiam ser definidos dia a dia, variando de 16,5 a 50 centavos de dólares por hora (Pacyga, 2008, p. 156).

Sinclair afirma ter conhecido esse universo de perto. Até onde a sua imaginação formatou fatos, pessoas e lugares é um assunto controverso, mas alguns pontos podem ser elucidados. Primeiramente, ele realizou o que pode ser caracterizado como “pesquisa de campo”. Durante sete semanas, ele conviveu

com trabalhadores imigrantes ocupados nos currais e nos frigoríficos de Chicago. Ele fez uma verdadeira imersão nesse mundo. Conheceu a linha de desmontagem dos animais, as salas de corte, as paisagens tingidas inteiramente de vermelho e, fundamentalmente, ouviu quem trabalhava lá. Se podemos considerar isso como parte de um método de investigação social e histórica, notaremos que ele esteve muito próximo de uma abordagem participante como a desenvolvida por Michael Burawoy, em *Manufacturing Consent*, obra resultante de sua experiência como operador de máquinas por 11 meses na multinacional Allied Corporation. Claro que havia ao menos uma distinção. Enquanto Sinclair denunciava as condições de trabalho nos frigoríficos de Chicago em estilo jornalístico, Burawoy desenvolvia a hipótese da pesquisa social sobre as relações de trabalho naquela empresa e de que modo o consentimento para exploração dos trabalhadores era construído. De qualquer modo, o método de Sinclair não deveria ser desconsiderado por seus críticos menos tolerantes.

Para Jurgis, a primeira impressão sobre o trabalho no frigorífico foi devastadora. Ele descreve o abate do porco como um golpe mecânico e repetitivo. A cabeça é separada e a carcaça é pendurada no gancho para sangrar por alguns minutos. Em seguida, ela percorre a linha de produção sendo desmontada em pedaços. Há sangue em todos os lugares no matadouro. Ele jorra no momento do abate e cobre o chão, formando uma poça gigante medindo um ou dois centímetros, sobre a qual os trabalhadores pisam enquanto preparam o porco para ser processado em linguiças defumadas, bacon, banha, salsichas e carne *in natura* resfriada. A descrição é longa e detalhada, suficiente para nutrir a imaginação dos leitores acerca da divisão do trabalho no frigorífico, a intensidade da execução das tarefas, o cansaço, os acidentes e a insensibilização dos trabalhadores ao se acostumarem com os berros dos animais e com o esquartejamento e o sangue.

Poucos meses depois da publicação do livro, Sinclair disse ao jornal *The Independent* quais foram seus métodos de coleta de informações. Sobre as descrições do trabalho nos frigoríficos, ele afirmou não ter “inventado” nada: “Cada fato ou número que apresentei é absolutamente preciso e exato, o resultado de paciente investigação. Passei sete semanas sozinho no distrito dos

currais, vivendo com as pessoas, encontrando-as em suas casas, nos locais onde trabalhavam, em seus salões e clubes." (Subacius, 2006, p. 2) Ele disse que conversou com centenas de trabalhadores, chefes e superintendentes dos frigoríficos, médicos, advogados, comerciantes, donos de bares, policiais, clérigos e criminosos. Em todos os lugares onde esteve, anotou o que diziam, verificando fontes em cada mínimo detalhe. Além disso, manteve correspondência contínua com muitas pessoas que contatou.

Ele disse ainda que selecionou lituanos que trabalhavam nos frigoríficos para ajudá-lo a construir o personagem central de seu romance. Giedrius Subacius, especialista em história sociolinguística, examinou a gramática e a ortografia de diferentes dialetos lituanos utilizados por Sinclair no livro. "Ele incorporou um número notável de palavras e frases lituanas ao texto de 'The Jungle', bem como muitos nomes e sobrenomes lituanos". (Subacius, 2006, p. 23) Além disso, muitos trechos e palavras publicados no *San Francisco News* foram corrigidos na edição do livro. O nome de Jurgis Rudkos, por exemplo, passou a ser Jurgis Rudkus.

Em sua autobiografia, publicada em 1962, Sinclair escreveu que soube a história que queria contar depois de presenciar uma festa de casamento lituana. Ele parou, observou, sentiu uma gentil hospitalidade e permaneceu por um tempo. Todos os personagens da abertura do livro estavam lá: a noiva, o noivo, a mãe e o pai idosos, o primo turbulento, as crianças, os três músicos, todos. Então, disse ele, "comecei a escrever a cena em minha mente, revisando-a repetidamente, como era meu costume, fixando-a rapidamente. Saí para jantar e voltei, e fiquei até tarde da noite, sentado em uma cadeira encostada na parede, sem falar com ninguém, apenas observando, imaginando." (Sinclair, 1962, p. 110) Quando Sinclair descobriu e escolheu os lituanos, eles estavam emigrando da Rússia para os Estados Unidos há mais de uma geração. Estima-se que, em 1900, 18% dos lituanos que deixaram o império Czarista evitavam a prisão ou o serviço militar, e que 82% emigraram por razões econômicas na esperança de retornarem ricos para casa.

Todavia, Sinclair não foi mero cronista fiel dos eventos que testemunhou ou escutou. (Fine, 1977) A sua imaginação e narrativa formataram uma série de confidências ouvidas em sua pesquisa de campo sobre a brutalidade das

relações trabalho e das condições de vida no universo dos matadouros. Podemos considerá-lo um narrador épico em *The Jungle* à medida que construiu os seus personagens a partir de "pessoas de verdade" e sem omitir a sua própria indignação com a selvageria imposta aos trabalhadores. Isso é mais evidente nos oito capítulos iniciais do romance. Neles, os personagens estrangeiros ainda não falam a língua inglesa e, por esse motivo, Sinclair se torna a voz de Jurgis e dos outros. Narrar em terceira pessoa é também, e para ele, uma técnica que lhe permite expressar interpretações pessoais sobre questões sociais.

A despeito de tudo isso, as críticas mais azedas feitas ao romance citam o engajamento político de Sinclair, o estilo realista da narrativa e uma estética considerada incolor e inodora. Veem Jurgis como azarado e uma testemunha da degradação capitalista explicitada na insalubridade dos frigoríficos, na ganância de patrões e corretores imobiliários, na corrupção de juízes e policiais. Desvalorizam *The Jungle* porque não encontram ambiguidade nos personagens. Todo chefe é um trapaceiro, todo barman é um sinistro traficante de mortes, todo policial é um bandido que agride, mas nada disso teria verossimilhança. (Wade, 1991) Comparam o elenco de suporte do livro a animais, deslocando o sentido de "selva", que simboliza o capitalismo monopolista, para a condição dos trabalhadores. Visualizam uma linearidade no enredo do livro que encadeia os contratempos de Jurgis em uma sequência teleológica, particularmente a compra da casa, a morte da esposa e do filho, até chegar à sua emancipação política. Em resumo, esse tipo de leitura considera exageradas as adversidades que Sinclair fez Jurgis enfrentar. A seguir, examino isso mais de perto.

## 3. O REALISMO EM *THE JUNGLE*: DOCUMENTO DA BARBÁRIE

"Ona Lukoszis era bonita, olhos azuis, enquanto Jurgis Rudkus tinha grandes olhos negros que brilhavam sob suas proeminentes sobrancelhas e uma espessa cabeleira escura que anelava sobre as orelhas." (Sinclair, 2001, p. 2-3) *The Jungle* começa descrevendo um casamento entre lituanos. Ona tinha apenas 16 anos. A Igreja onde essa cena foi ambientada de fato existe. É católica, lituana e a maior de Chicago, uma obra de lituanos que estavam presentes na cidade desde 1880.

Jurgis é descrito fisicamente como transbordando força e saúde. O humor,

sempre altivo, o fazia rir até das horripilantes histórias dos frigoríficos. Estava nos Estados Unidos há quatro meses. O pai, o avô e todos os antepassados de Jurgis haviam vivido na Lituânia, em Bialowicza, onde hoje é uma área protegida na Polônia. Ele conhecera Ona na Lituânia, um ano e meio antes de se casarem, mas o pai, que era rico, não permitiu o casamento. A trama resolve-se rapidamente. O pai de Ona morreu e credores inescrupulosos apossaram-se de sua herança. Então, Jurgis trabalhou como peão de obra para juntar dinheiro, sacrificando o apetite e tudo mais para economizar o valor das passagens. Juntos eles partiram para a América. Desembarcaram no mesmo porto onde Weber desembarcara. De Nova York foram para Chicago. Tudo que os olhos enxergavam era novo, grande, movimentado e assustador. Mas Jurgis se guiava pelo que "havia ouvido falar da América: um país no qual um homem podia ganhar três rublos por dia." (Sinclair, 2001, p. 25) O entusiasmo predominava porque encarar dificuldades grandes ou pequenas se sustentava no amor por Ona. Começar uma vida na América conjugava-se no plural. Essa expectativa, contudo, foi inteiramente corrompida.

No ano em que Sinclair publicou *The Jungle*, o sociólogo Georg Simmel escrevia um texto sobre a condição do imigrante, posteriormente publicado como parte de um livro, em 1908, sob o título *O Estrangeiro*. (Simmel, 1983) O que ele escreveu ganhou relevância porque sublinhou a dimensão cultural e antropológica das experiências de imigrantes, algo até então ausente no campo acadêmico. Simmel pensou o imigrante como um observador privilegiado que podia, a partir de uma posição externa, explicar o que os de dentro não conseguiam ver nem entender. Esse é um componente central na configuração psicológica de Jurgis. O seu olhar estrangeiro foi formatado no contexto de um modo de vida e de trabalho camponês, afeito a laços sociais carregados de pessoalidade, com pouca ou nenhuma habilidade emocional para lidar com o universo industrial capitalista. Aliás, no imaginário de Jurgis, o capitalismo era idealizado como lugar onde se ganhava "três rublos por dia", o que deveria equivaler ao sonho americano.

O que os críticos mais agudos de *The Jungle* chamaram de "exageros" correspondia, na perspectiva do protagonista criado por Sinclair, a situações percebidas com absoluto estranhamento. Um dos problemas atribuídos ao livro

residiria em uma suposta desproporção dos episódios vividos por Jurgis, que seriam mostrados com excessiva dramatização e distanciados da realidade. Nesse sentido, a barbárie teria sido inteiramente inventada e, como observador, Sinclair deveria analisar todas as situações com imparcialidade. Não por acaso, o seu engajamento ao socialismo no encerramento do romance foi um dos pontos mais censurados.

A arquitetura do romance parece ser bastante clara, principalmente ao mostrar detalhadamente como e por quais mecanismos o capitalismo esmagava os trabalhadores: o trabalho desumano, a fome, a corrupção, a precariedade das moradias, enfim, infortúnios que não foram tratados como acaso. Assim, é curioso notar que a acumulação de capital interpretada por Sinclair é igualmente um acúmulo de reveses e tragédias nas vidas dos trabalhadores. A família de Jurgis incorpora esse movimento, despencando em uma espiral que trafega do sonho americano para a miséria absoluta. Por isso, cabe aqui a pergunta: que personalidade Jurgis deveria ter para lidar com a desintegração do seu mundo antes mesmo de conseguir construí-lo? Sinclair o fez resiliente desde a reprovação do pai de Ona, ainda na Lituânia.

Ansioso pelo sonho americano, Jurgis busca emprego em um frigorífico. De manhã, bem cedo, ele e dezenas de trabalhadores postam-se no portão de entrada, onde o feitor seleciona os trabalhadores. Ele chama Jurgis. "— Fala inglês? — Não. Lituano. — Emprego? — 'Si'. (Jurgis maneia a cabeça). — Trabalhou aqui antes? — Não 'tendo'. (O feitor repete a pergunta gesticulando e Jurgis agita vigorosamente a cabeça respondendo que não entende.) — Vê a porta? (e repete a palavra porta em lituano, apontando para o portão de entrada do frigorífico). — 'Si'. — A-ma-nhã, sete horas. Entendeu? (repete as palavras em lituano). — Obrigado senhor! (Sinclair, 2001, p. 34-35) O inglês de Jurgis era claramente insuficiente. Por outro lado, o feitor dominava rudimentos da língua de Jurgis e provavelmente de outras nacionalidades também. Poliglota, ele foi forjado para conectar aquela população multinacional ao abate e processamento da carne.

No primeiro dia de trabalho, Jurgis conhece as engrenagens da indústria da carne em Chicago. Ali, ele soube que havia cerca de 400 quilômetros de trilhos ferroviários que transportavam gado e porcos até os currais. Por dia,

chegavam cerca de 10 mil cabeças de gado e o mesmo número de porcos, ou seja, de 8 a 10 milhões de animais abatidos e convertidos em alimento anualmente. Lá se produzia presunto, bacon, carne temperada, salsichas, banha, carne enlatada, enfim, nenhuma parte dos animais era descartada. Sinclair aguça a atenção de Jurgis para o processo de abate. No início, Jurgis assiste à morte de bois e porcos e vê sofrimento, dor e sacrifício. No final, confessa: “Como estou alegre por não ser um porco!” (Sinclair, 2001, p. 40)

Mas o abismo que engoliu Jurgis abriu-se rapidamente. Ele, seu pai, Ona, sua prima Marija e mais oito lituanos formavam uma família em Chicago e decidiram comprar uma casa, componente essencial do sonho americano. Ele viu o anúncio de uma com quatro cômodos, porão e próxima ao frigorífico. O corretor do imóvel mostrou-lhes um contrato. Ona o leu em voz alta para que os demais escutassem. Todos estranharam uma cláusula mencionando “aluguel”. O corretor explicou que era uma prática comum, em que os pagamentos eram abatidos no saldo devedor. Ressabiados, eles procuram um advogado. Espantaram-se quando descobriram que ele e o corretor se tratavam como amigos. Sem conhecerem direito a casa, decidiram comprá-la no dia seguinte por US$ 1.500,00. Eles precisavam adiantar US$ 300,00 comprometendo-se a pagar o restante em parcelas mensais de US$ 12,00. Comparativamente, o aluguel de um imóvel com dois cômodos custava US$ 9,00, e foi esse o cálculo que fizeram. Era grande o medo de não conseguirem quitar a casa, mas pareceram se acalmar quando souberam que os americanos conviviam tranquilamente com aquele tipo de dívida.

O sonho da casa própria, contudo, transformou-se em pesadelo. Nesse percurso, os diálogos são breves, embora incisivos e poderosos. Sinclair prefere a descrição. A aparição dos personagens por eles mesmos acentua o drama. Todas as vezes que eles se tornam narradores, pode-se senti-los incrédulos, frustrados e inermes. A sua resiliência foi sendo lentamente corroída pela extravagante ganância de pessoas que operavam o capital em torno dos frigoríficos. Jurgis é o único cuja frustração se tornou raiva e vingança. A compra da casa, por exemplo, foi uma armadilha sem ponto de fuga. Os lituanos desconheciam a lei americana, os costumes do lugar, a avidez de corretores e advogados, a lógica das plantas das habitações e a língua inglesa. Primeiro,

foram surpreendidos com os juros acrescentados nas parcelas mensais. Além dos US$ 12,00, deviam também US$ 8,00. Foi então que Jurgis pressentiu que perderiam a casa em algum momento. Em seguida, descobriram que a casa tinha uma história. Antes deles, dois casais de boêmios a compraram, não conseguiram pagá-la e foram despejados. Um deles morreu de tuberculose. Ouviram de uma moradora que a casa trazia má sorte: “Cada família que morava ali, alguém contraía tuberculose. Ninguém conseguia entender o porquê. Devia haver algo de especial na casa ou na forma como fora construída. Alguns diziam que era porque a construção começou na lua escura.” (Sinclair, 2001, p. 78) De fato, havia muitos perigos semelhantes naquela casa. Além de não ter esgoto, a fossa de drenagem era antiga e estava debaixo da casa.

Eles sentiram-se castigados pela economia local e pelos comerciantes varejistas que vendiam para os imigrantes. Descobriram que o leite azul-claro que compravam na esquina era diluído em água e misturado com formaldeído. Não tinham acesso a ervas medicinais usadas para tratar as crianças. Agora, precisavam ir à farmácia e comprar extratos, sem saber se estavam adulterados. Souberam que seu chá, café, açúcar e farinha continham misturas. As ervilhas enlatadas eram coloridas com sais de cobre e as geleias de frutas eram tingidas com corantes de anilina. Eles estavam amarrados àqueles comerciantes, assim como estavam ligados ao capitalismo oligopólico. Não existiam outros lugares para comprar comida e remédio que pudessem alcançar.

A essa altura, o método de Sinclair torna-se cada vez mais evidente. Jurgis e os demais precisaram experimentar os efeitos da exploração capitalista antes de entender as suas causas. Assim, as atrocidades vividas foram muitas e continuadas. Ao episódio da compra da casa, Sinclair submete Jurgis a uma série de provações. O seu pai morreu tuberculoso. Ona perdeu a vida, doente e sem assistência médica. O filho afogou-se na lama com um ano e meio de idade. Diante de tamanho sofrimento, ele apoiou-se na bebida. O artifício da narrativa parece claro. Sinclair explora os limites dos recursos cênicos empregados para retratar a selvageria do capitalismo. Na iminência de Ona, grávida, morrer, Jurgis saiu à procura de uma parteira. Ele conseguiu juntar US$ 1,25, sabendo que não seria suficiente para pagar o serviço. A parteira, madame Haupt, disse que seu preço era US$ 25,00. Ela escutou os lamentos de Jurgis testemunhando o seu

desespero. Pediu US$ 10,00 adiantados e deixava o restante para depois. Jurgis insistiu e ela reduziu o valor inicial para US$ 5,00. Por fim, concordou em receber as moedas que Jurgis trazia. Chegando à casa, ela subiu até o quarto onde Ona estava. Pouco tempo depois, retornou. Jurgis esperava um milagre e implorava à parteira. O diálogo é mordaz. " — E Ona, como está?" — "Como está?", repetiu a parteira. "Como se sente depois de deixá-la se matar? Eu já disse para chamar um padre. Ela é jovem, poderia resistir e se recuperar com um bom tratamento. Mas ela vai morrer, é claro", disse a parteira com desgosto. "O bebê estava morto." (Sinclair, 2001, p. 216)

Antes de adoecer, Ona é mostrada em frangalhos. O capataz do frigorífico a estuprou diversas vezes sob a ameaça de demiti-la e ao marido. Ela conseguiu manter isso em segredo até ser levada a trabalhar em uma casa de prostituição. As suas ausências em casa eram muitas e as desculpas eram poucas. Pressionada por Jurgis, Ona contou que o capataz a fez se prostituir: "Ele queria que eu ficasse lá. Disse que não precisaríamos trabalhar [no frigorífico]. Ele me fez ir lá... à noite. [...] Então, uma noite nevou e eu não consegui voltar. E ontem à noite... os carros pararam. [...] Tentei voltar a pé, mas não consegui." Em meio ao choro, ela continua: "Eu não queria que você soubesse. Teria... teria ficado tudo bem. Poderíamos ter continuado... mesmo assim... você nunca precisaria... Ele estava ficando cansado de mim." Para espanto de Jurgis, Ona revela: "Vou ter um bebê... estou ficando feia. Ele me disse isso, duas vezes. Ele me disse isso, ontem à noite. Ele me chutou ontem à noite também. E agora você vai matá-lo... você... você vai matá-lo... e nós morreremos." (Sinclair, 2001, p. 171)

Ao redigir os capítulos reunindo esses acontecimentos, é provável que Sinclair pensasse no seguinte esboço: Jurgis descobre a prostituição de Ona, agride Connor, o capataz, e vai para a prisão. Marija, prima de Ona, é demitida, incluída na lista negra dos frigoríficos e perde um braço em decorrência de um corte infeccionado. A família fica sem teto e sem comida e Ona morre no parto. Enfim, o que explica essa selvageria não é o azar. Sinclair pretende que os frigoríficos de Chicago sejam equiparados a uma "selva", como de fato é o retrato mostrado pela historiografia desde, pelo menos, os anos 1980. Os trabalhadores eram tratados como animais porque viviam como animais. Ona foi literalmente consumida e descartada. Ela era mais vulnerável no frigorífico do que os

homens, por isso, o capataz se via no direito de chantageá-la. A sua jovialidade e beleza somaram-se à exótica origem lituana, transformando-a em presa. Não à toa, em 1909, o escritor George Kibbe Turner chamou mulheres iguais a Ona de “As filhas dos pobres.” (Rosen, 1982, p. 15)

Como disse no início, a consequência política mais visível e imediata do romance foi a publicização da repugnante qualidade da carne processada nos frigoríficos de Chicago. Eles industrializavam carne de gado doente. Ela era armazenada em grandes pilhas nos cômodos do frigorífico e ficava exposta à água das chuvas que gotejava pelas frestas do telhado. Ratos corriam, defecavam e urinavam por cima das pilhas. Os trabalhadores tentavam combatê-los deixando pães envenenados nos cantos do cômodo, mas, quando a carne era carregada e posta em carrinhos destinados à sala de fabricação de salsichas, o que sobrava dos pães, do veneno e das carcaças dos ratos ia junto para os moedores. A resignação de Jurgis, ao menos até a primeira metade do livro, a desonestidade de comerciantes, corretores e advogados, a violação de Ona e o afogamento de seu filho não tiveram o mesmo impacto causado pelo desasseio dos frigoríficos. Melancólico, Jurgis lamentou-se: “seu amor, a vida havia matado de fome.” (Sinclair, 2001, p. 221)

A essa altura, Sinclair impõe uma inflexão à trama. Se o capitalismo representava a barbárie, o socialismo aparecia como solução. Todavia, essa foi uma ideia que pouco se infiltrou nos Estados Unidos, embora a presença de imigrantes anarquistas, socialistas e comunistas tenha marcado fortemente a estruturação de partidos e sindicatos. A primeira convenção do Partido Socialista Trabalhista, realizada em 1877, foi formada por representantes de 17 seções alemãs, sete inglesas, três boêmias, uma francesa e uma seção feminina geral. (Draper, 2017, p. 92) Em 1917, 40% dos mais de 80 mil filiados eram imigrantes. A presença estrangeira parecia recarregar a utopia das organizações de esquerda no país. O ponto mais notável do Partido foi a publicação do jornal *Appeal to Reason*, desde 1895, que conseguiu atingir uma circulação de meio milhão de exemplares por semana. Nele, Sinclair divulgou seus primeiros escritos sobre os frigoríficos de Chicago antes de lançar *The Jungle*.

Esse aspecto da realidade, embora utópico, também foi transplantado para o livro, pois correspondia a uma das experiências mais importantes vividas

pelos trabalhadores nos Estados Unidos. Em 1922, o Partido Comunista estimou ter no país 10 mil filiados divididos entre bolcheviques e mencheviques, em que, de fato, “menchevique” significava maioria. Esse é um assunto controverso, em disputa e pouco acessado na atualidade, a despeito de ser forçoso reconhecer que a esquerda (revolucionária e reformista) nos Estados Unidos nunca concentrou tanta força e influência depois das primeiras décadas do século passado, principalmente porque se nutriu basicamente de uma combinação entre dinamismo ideológico e radicalismos localizados, um encontro que pouco se repetiu. (Palmer, 2003)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando chegou aos Estados Unidos, Jurgis era um jovem vigoroso e robusto. Encontrou trabalho no seu primeiro dia em Chicago. Entretanto, é possível concordar que Sinclair quis mostrá-lo como um objeto usado, desgastado e inútil para o capital, por isso, foi descartado. Ser jogado na rua e considerado “estragado” para o trabalho era uma experiência comum naquele lugar, tanto para os patrões quanto para os trabalhadores. Talvez o traço mais óbvio do romance seja o alcoolismo de Jurgis. Tanto sofrimento requeria alguma anestesia, e ele precisou disso com frequência cada vez maior.

A sua degradação física, moral e psíquica parece ter sido a antessala do engajamento político no socialismo. À época de Sinclair, essa era uma forma de ver as coisas. No romance, Jurgis representa o imigrante depauperado que, entre a inanição e o suicídio, encontra uma identidade política capaz de explicar a sua própria condição. Portanto, não se trata da biografia de um imigrante azarado, e sim da representação estética da realidade de trabalhadores dos frigoríficos de Chicago. Quando Sinclair promoveu o encontro de Jurgis com os socialistas, abriu-se uma possibilidade para que as experiências vividas em Chicago fossem elaboradas e organizadas dentro de uma narrativa que restauraria a humanidade do lituano. Vamos e venhamos, há histórias que salvam e histórias que aprisionam em armadilhas iguais ao sonho americano. Lido dentro dessa chave, *The Jungle* não só é um romance de época (histórico), mas também a reverberação de uma posição historiográfica legítima. O enredo não afirma que os trabalhadores dos frigoríficos foram vítimas passivas da

exploração. Diferentemente disso, mostra que eles viveram sob enorme pressão do capitalismo americano e que havia apenas uma alternativa disponível. Jurgis a encontrou.

Meio século antes da publicação de *The Jungle*, Friederich Engels retratou a vida e o trabalho na Inglaterra. Ainda chama atenção o recorte feito de um artigo assinado pelo médico Arnold Knight sobre o que acontecia com os "amoladores de lâminas". Eles geralmente morriam entre 28 e 32 anos, com os pulmões repletos de limalha de ferro. A tosse era ruidosa, expelindo poeira em meio à mucosa e ao sangue. Sentiam-se menos desconfortáveis se estivessem curvados porque o trabalho acostumou seus corpos naquela posição. Em *O Capital*, Marx também identificou a deterioração física e moral de trabalhadores na indústria inglesa, durante a primeira metade do século XIX. Ele citou várias fontes oficiais sobre isso. Entretanto, o que ressalta de sua pesquisa feita com relatórios dos inspetores de fábricas é o testemunho sobre o crescimento do número de jovens operárias que se viram obrigadas a se prostituir. Pode-se considerar Ona uma personagem projetada pela barbárie da revolução industrial citada, meio século antes de sua experiência de pobreza, fome e assédio nos arredores de Chicago? Creio que sim.

Na parte final do romance, Jurgis encontrou uma forma de contar a sua história depois de descobrir que havia outros que viveram a mesma experiência de desumanização. Depois de inventariar episódios de horror extraídos das experiências dos trabalhadores dos frigoríficos, Sinclair espelhou o revide político centrado na trajetória em Jurgis. Foi a linguagem política que aliviou o seu sofrimento em meio à barbárie capitalista.

Retomo, neste ponto, a chave de análise benjaminiana. Sinclair confidenciou que nem sempre sabia em que direção ia *The Jungle* porque a realidade presenciada por ele mesmo, nos currais de Chicago, continha tanta selvageria e bestialidade que a estetização do real lhe pareceu um trabalho improvável sem que ele arruinasse a própria linguagem, convertendo o livro em pura descrição. Como se distanciar se ele precisava escolher e recortar dimensões das experiências de trabalhadores nos frigoríficos que representassem a selva que via? Como evitar que a narrativa incorporasse o fato de os corpos serem essencialmente locais de sofrimento? Ali, nos matadouros,

a barbárie era total, de modo que o romance de Sinclair não poderia ser outra coisa senão um documento da barbárie capitalista.

Vinte anos antes, outra obra magistral pautou-se pelo mesmo dilema, embora tenha oferecido grande dose de esperança. Em *Germinal*, Émile Zola ponderou as possibilidades de revide disponíveis aos operários franceses. Talvez a mais radical tenha se desenrolado a partir do personagem “Boa-morte”, que trabalhou nas minas de carvão desde os oito anos e, aos 58, estava tuberculoso e imprestável para o trabalho. Zola o fez elaborar seu passado de tal modo que “Boa-morte” enforcou e matou a herdeira dos donos das minas. Mesmo assim, a crítica sobre *Germinal* tem sido mais generosa do que foi com *The Jungle*.

**REFERÊNCIAS**

BARAN, Paul.; SWEEZY, Paul. **Capitalismo Monopolista.** Ensaio sobre a Ordem Econômica e Social Americana. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARRETT, James Richard. **Work and Community in the Jungle.** Chicago’s Packinghouse Workers (1894-1922). Chicago: University of Illinois Press, 1990.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark James. **The age of migration:** international population movements in the modern world. New York: The Guilford press, 2003.

DANIELS, Roger. **Coming to America.** A history of immigration and ethnicity in America life. New York: Perennial, 2002.

DRAPER, Theodore. **The Roots of American Communism.** New York: Routledge, 2017. E-book. Disponível em: https://annasarchive.org/slow_download/. Acesso em: 18 mar. 2020.

FINE, David Martin. **The City, The Immigrant and American Fiction, 1880-1920**. Metuchen, NJ: The Scarecrow Press, 1977.

HOERDER, Dirk (Ed.) **Labor Migration in the Atlantic Economies.** The European and North American Working Classes During the Period of Industrialization. Westport, London: Greenwood Press, 1985.

HOROWITZ, Roger. **Putting meato n the American table.** Taste, technology, transformation. Baltimore: John Hopkins University Press, 2006.

KUJOVICH, Mary Yeager. The refrigerator car and the growth of the American dressed beef industry. **Business History Review**, v. 44, n. 4, p. 460-482, 1970. Disponível em: https://doi.org/10.2307/3112669. Acesso em: 12 abr. 2019.

LUKÁCS, Gyorgy. **O Romance Histórico.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MOOKERJEE, Rabindra Nath. **Art for Social Justice:** the major novels of Upton Sinclair. Metuchen, NJ: The Scarecrow Press, 1988.

NELLI, Humbert Steven. **Italians in Chicago, 1880-1930**. A Study in Ethnic Mobility. New York: Oxford University Press, 1979.

PACYGA, Dominic Anthony. **Polish immigrants and industrial Chicago:** Workers on the south side, 1880-1922. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

PACYGA, Dominic Anthony. Chicago: Slaughterhouse to the world. In: LEE, Paula Young (Ed.). **Meat, Modernity, and the Rise of the Slaughterhouse**. Durham, New Hampshire: University of New Hampshire Press, 2008, p.153-166.

PALMER, Bryan Douglas. Rethinking the historiography of United States Communism. **American Communist History**, v. 2, n.2, p. 139-173, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1080/ 1474389032000165151. Acesso em: 16 ago. 2019.

PERREN, Richard. **Trade and Technology:** The Development of the International Meat Industry since 1840. London: Ashgate Publishing Limited, 2006.

RAVENSTEIN, Ernest Georg. **The laws of migration.** Royal Statistical Society, 1885. Disponível em: https://doi.org/10.2307/2979181. Acesso em: 18 abr. 2020.

ROOSEVELT, Theodore. Letter. April 11, 1906. In SINCLAIR, Upton. **My Lifetime in Letters.** Columbia: University of Missouri Press, 1960.

ROSEN, Ruth. **The Lost Sisterhood.** Prostitution in America, 1900-1918. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1982.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. MORAIS FILHO, Evaristo. **Simmel.** Grandes Cientistas Sociais. Vol.34. São Paulo: Ática, 1983, pp.182-288.

SINCLAIR, Upton. **The Autobiography of Upton Sinclair**. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1962.

SINCLAIR, Upton. **The Jungle.** New York: New American Library/Penguin Group, 2001.

SMITH, David Ian. 19th century development of refrigeration in the American meat packing industry. **Tenor of Our Times,** v. 8, n. 1, pp.99-109, 2019. Disponível em: https://scholarworks.harding.edu/tenor/vol8/iss1/14/. Acesso em: 14 abr. 2021.

SUBACIUS, Giedrius. **Upton Sinclair:** the lithuanian Jungle. New York: Rodopi, 2006.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico:** um século de imigração italiana no Brasil. Editora Unesp, 2022.

WADE, Louise Carroll. The problem with classroom use of Upton Sinclair's The Jungle. **American Studies,** v. 32, n. 2, p. 79-101, 1991. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40643596. Acesso em: 23 abr. 2020.

WALSH, Margaret. **The rise of the Midwestern meat packing industry.** Lexington: The University Press of Kentucky, 1982.

**Recebido em 06/08/2025.**

**Aprovado para publicação em 01/10/2026.**